

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA *TURMA DO XAXADO*, DE ANTONIO CEDRAZ

Layla de Oliveira Vasconcellos (IC) e Regina Helena Pires de Brito (Orientadora)

Apoio: PIBIC CNPq

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo estudar a variação linguística apresentada nas falas das personagens da *Turma do Xaxado*, a principal obra de Antonio Cedraz. O criador da *Turma do Xaxado* é um dos mais importantes produtores de quadrinhos da Região Nordeste do Brasil, sendo muito conhecido, principalmente, na Bahia. Para atingir o objetivo desta investigação, foi escolhido *1000 tiras em quadrinhos* (2012), o quarto livro-álbum comemorativo dos 10 anos da *Turma do Xaxado*. Dentre os tipos de variação linguística (diatópica, diastrática, diamésica e diafásica), este artigo centra-se, especialmente, no exame das variações diatópica e diastrática. Em relação à pesquisa da variação diatópica, foram descritas e analisadas expressões regionais destacadas pelo autor na expressão verbal das personagens Zé Pequeno, Tião e Genuíno Gabola. Quanto ao estudo da variação diastrática, foram considerados os modos de expressão de personagens de diferentes estratos sociais criadas por Cedraz: Zé Pequeno (e Marieta, como seu contraponto), Tião, Genuíno Gabola (e, eventualmente, Arturzinho).

Palavras-chave: Variação Linguística. História em Quadrinhos. Turma do Xaxado.

ABSTRACT

The present article aims at studying the linguistic variation in the conversations had by some characters from *Turma do Xaxado*, the major work of Antonio Cedraz. The creator of *Turma do Xaxado* is one of the most important comic strips artists from the Northeast Region of Brazil, being very famous, mainly, in Bahia. For this investigation, *1000 tiras em quadrinhos* (2012), the commemorative book of the tenth anniversary of *Turma do Xaxado*, was chosen. Among all the types of linguistic variation (associated with geographical areas, social classes, means of communication and manners of expression), this article focus, especially, on the review of the linguistic variation associated with geographical areas and social classes. For the research of the linguistic variation associated with geographical areas, regional expressions in the conversations had by the characters Zé Pequeno, Tião e Genuíno Gabola were described and analysed. For the study of the linguistic variation associated with social classes, the conversations had by the characters from different social strata: Zé Pequeno (and Marieta, as his contrasting character), Tião, Genuíno Gabola (and, possibly, Arturzinho) were considered.

Keywords: Linguistic Variation. Comic Strips. Turma do Xaxado.

1. INTRODUÇÃO

De modo geral, uma história em quadrinhos (HQ), desde sua idealização, pode ser uma representação daquilo que mais impressiona tanto seus criadores quanto seus leitores. A partir da origem das HQ, já é possível observar em seus enredos, por exemplo, a presença de ambientes, personagens do meio rural e tipos urbanos, com a finalidade de ressaltar aspectos característicos da sociedade.

Cada vez que os quadrinistas almejam revelar a realidade do mundo no qual vivem, dão vida a personagens que se relacionam, diretamente, com esse espaço exclusivo, podendo mostrar traços peculiares de suas localidades e dos grupos sociais aos quais pertencem. Dessa forma,

[...] é através de uma grande diversidade de tipos trágicos, sentimentais e cômicos, divulgados por esses veículos [de comunicação], de figuras regionais ou urbanas (quase sempre muito falsas), que compõem a massa de personagens, incluída na programação de auditório ou nas novelas ultraromânticas, nos filmes ou nas revistas em quadrinhos, que rádio, televisão, cinema e imprensa mostram variações de língua de toda ordem, identificações (quase sempre muito fáceis) entre tipos sociais e *signos* linguísticos, entre comportamentos individuais e estruturais específicas para representá-los. (PRETI, 2003, p. 21)

É comum as HQ focalizarem personagens com características regionais. No caso específico do Brasil, pode-se dizer que o regionalismo acompanha a produção de quadrinhos desde seus primórdios. A primeira HQ brasileira, intitulada *As Aventuras de Nhô-Quim ou Impressões de uma Viagem à Corte* (1869), de Angelo Agostini, mostrava as peripécias de um jovem caipira, ingênuo e rico, que, após ter se apaixonado por uma moça pobre, foi enviado pela família ao Rio de Janeiro, para que a agitação da então capital do Império o ajudasse a esquecer aquele amor. A segunda HQ, *As Aventuras de Zé Caipora* (1883), também de Agostini, desenrolava-se, exclusivamente, no espaço rural e retratava as proezas de um caçador e fazendeiro, que se envolvia em várias confusões pelas desconhecidas matas brasileiras do século XIX, sendo capturado por tribos indígenas, tendo que descer em despenhadeiros, enfrentando animais selvagens etc.

Na primeira metade do século XX, no Brasil, houve forte influência do rádio nos lares do país, fazendo com que o espaço comunicativo radiofônico tenha inspirado algumas das mais populares obras do quadrinho regionalista brasileiro, como: *Jerônimo, o Herói do Sertão* (1957), escrita pelo próprio roteirista da radionovela, Moysés Weltman, e *Juvêncio, o Justiceiro do Sertão* (1968), roteirizada pelo criador do programa de rádio, Reinaldo Santos.

Jayme Cortez, um dos maiores nomes dos quadrinhos no cenário mundial, arriscou-se, também, na produção regionalista, com a HQ *Sérgio do Amazonas*, apresentando as

façanhas de um caçador na Região Norte do Brasil. A figura regional mais característica da Região Nordeste do país, o cangaceiro, estreou nas HQ de José Lanzellotti, na revista *Aliança Juvenil* (1954); já a figura do gaúcho, por sua vez, teve sua primeira aparição em *Aba Larga* (1962), de Getulio Delphim, que trazia um aventureiro pelos pampas do Rio Grande do Sul.

No que diz respeito às HQ infantis brasileiras, Zivaldo é um dos artistas que mais se destaca no tratamento de questões regionais, com a criação de *A Turma do Pererê* (1959), composta por uma plêiade de animais e figuras folclóricas ou pitorescas muito frequentes nas lendas e no imaginário cultural do interior dos estados da Região Sudeste do Brasil, que goza a vida em uma floresta brasileira fictícia, chamada Mata do Fundão. Pouco tempo depois da publicação de *A Turma do Pererê*, Mauricio de Sousa criou, provavelmente, a personagem regional mais conhecida dos nossos quadrinhos, *Chico Bento* (1961), um estereótipo de caipira que, a princípio, imitava o famoso *Jeca Tatu* (1914), introduzido na obra *Urupês* (1918), de Monteiro Lobato. Posteriormente, foi infantilizada e tornou-se uma das personagens mais queridas da *Turma da Mônica* (1959). Nessa mesma linha, desenvolve-se o trabalho de Antonio Cedraz, um dos mais importantes produtores de quadrinhos fora do eixo Rio-São Paulo, no entanto muito conhecido na Região Nordeste do país, principalmente, na Bahia.

Justificam-se, assim, o interesse e a relevância desta pesquisa, especialmente, porque a *Turma do Xaxado* e seu criador são, praticamente, desconhecidos para a maioria dos brasileiros, embora sejam afamados no exterior. Além disso, confirmam a pertinência deste projeto: o fato de a *Turma do Xaxado* ter sido objeto de poucos estudos no Brasil; a importância das HQ no ambiente escolar e a valorização da produção de HQ em dimensão nacional e como forma de conhecimento das diferentes facetas que compõem a nossa identidade cultural.

Esta investigação visa à análise de expressões que denotem, em especial, variações linguísticas diatópica e diastrática apresentadas nas falas das personagens da *Turma do Xaxado*, no livro *1000 tiras em quadrinhos* (2012). Para atingir os objetivos centrais deste estudo, recorre-se à teoria da variação linguística conforme apontadas por: Preti (2003), Mollica e Braga (2004), Bagno (2012) e Cezario e Votre (2012). Como apoio sociológico, recorre-se a Ribeiro (1995).

2. SOBRE ANTONIO CEDRAZ E A TURMA DO XAXADO

O criador da *Turma do Xaxado*, Antonio Luiz Ramos Cedraz, nasceu na fazenda Pau Ferro (município de Miguel Calmon), no interior da Bahia, em 4 de maio de 1945. Quando criança, morou em Itapeipú, onde vivenciou uma infância repleta de momentos ímpares que, anos depois, seriam retratados nas histórias da *Turma do Xaxado*, como recorda:

[...] lembro-me bem de minha gostosa infância. Acordava, ia ajudar meu pai na labuta com o gado, voltava, ia para a escola e, após as aulas, ia me divertir naquelas brincadeiras que não existem mais. Andava a cavalo, tomava banho nas lagoas e depois apartava o gado para meu pai tirar leite na manhã seguinte. Estudava e trabalhava, não tinha esse negócio de que criança não podia trabalhar. Eu tinha minhas obrigações e responsabilidades e me divertia muito. (CEDRAZ, 2007)

Aos 10 anos, mudou-se para Jacobina, onde teve contato, pela primeira vez, com o cinema, as HQ e os livros. Transformado pela leitura, era fascinado pela Literatura de Cordel e identificava-se, acima de tudo, com as HQ das personagens *Capitão Marvel*, *Fantasma*, *Super-Homem* e *Tarzan*, sendo, também, fã das revistas da linha *Disney* e da *Turma da Mônica*, as principais influenciadoras em seu traço inconfundível. Aos 15 anos, começou a desenhar, por casualidade, quando viu um amigo desenhando, tendo como referências grandes cartunistas da década de 1960: Edmundo Rodrigues, Flavio Colin, Gedeone Malagola, Isomar Guilherme, Jayme Cortez, Júlio Shimamoto, Mauricio de Sousa, Nico Rosso, Orlando Pizzi, Sérgio Lima, Waldyr Igayara de Souza, Zivaldo, entre outros.

Formou-se no Magistério, o curso mais avançado que existia em Jacobina naquela época, e deslocou-se para Salvador, estudando, por 2 anos, Artes Plásticas, na Universidade Federal da Bahia. Entretanto, como já era casado e trabalhava em um banco, não tinha tempo para estudar e, em vista disso, não conseguiu concluir o Ensino Superior.

No decorrer de sua carreira, criou diversas personagens, dentre elas: os *Guris*, a *Turma do Joinha*, a *Turma do Pipoca* e a *Turma do Xaxado*, seu último trabalho, lançado em 1998. Por meio dos desenhos e das histórias da *Turma do Xaxado*, obteve reconhecimento profissional, ganhou prêmios significativos e recebeu homenagens em eventos brasileiros e estrangeiros.

Em 1989, conquistou o troféu como destaque no *2º Encontro Nacional de Histórias em Quadrinhos*, em Araxá, Minas Gerais. Em 2002, com o *Troféu Angelo Agostini*, foi considerado “Mestre do Quadrinho Nacional”, título concedido pela Associação dos Quadrinhistas e Caricaturistas do Estado de São Paulo (AQC-ESP). Recebeu, ainda, 6 vezes, o *Troféu HQMIX* (1999 - Melhor Álbum Infantil do Brasil; 2001 - Melhor Álbum Infantil do Brasil; 2002 - Melhor Revista em Quadrinhos Infantil do Brasil; 2003 - Melhor Revista em Quadrinhos Infantil do Brasil; 2005 - Melhor Álbum Infantil do Brasil e 2007 - Melhor Álbum Infantil do Brasil), o conceituado “Oscar” brasileiro das HQ, oferecido pela Associação dos Cartunistas do Brasil (ACB), com sede em São Paulo. Em 2015, foi homenageado na 9ª edição do *Festival Internacional de Quadrinhos (FIQ!)*, realizado, bienalmente, em Belo Horizonte.

Em 2018, a exposição comemorativa *20 anos da Turma do Xaxado*, em cartaz entre os dias 27 de maio a 30 de junho, na Galeria Pierre Verger e Sala Alexandre Robatto, em

Salvador, reuniu suas obras, trouxe releituras de suas personagens e contou com uma feira de HQ, palestras, projeções de curtas da *Turma do Xaxado* e exibição de um documentário sobre autores nacionais, com a intenção de homenagear o Mestre e celebrar uma de suas obras mais famosas.

Cedraz faleceu em 11 de setembro de 2014, aos 69 anos, em Salvador, após complicações no tratamento contra um câncer de intestino, deixando sua esposa, Lucineide Cedraz, e 3 filhos, Carol, Cláudia e Clauzio.

As tiras de sua criação mais prestigiada, *Turma do Xaxado*, começaram a ser publicadas, 2 vezes por semana, no suplemento *A Tarde Municípios*, do jornal *A Tarde*, e, em seguida, devido ao sucesso, passaram a ser divulgadas, todos os dias, no *Caderno 2+*, do mesmo jornal. Posteriormente, foram utilizadas, pelo Governo da Bahia, em campanhas de combate à dengue e reciclagem, junto com as crianças. Invadiram, também, jornais e revistas renomados no Brasil, em Angola, em Cuba, na França, em Portugal e livros didáticos das editoras *Ática*, *FTD*, *Moderna* e *Saraiva*, distribuídos em alguns estados. Cedraz ilustrou, ainda, livros de Literatura Infantil e Juvenil para as editoras *Bureau*, *Multipress*, *Paulinas*, *Santuário* e *Editora do Brasil*. Já para a *Editora Escala*, apresentou mais de 35 revistas da *Turma do Xaxado*, todas de circulação nacional. Por intermédio da *Editora* e do *Estúdio Cedraz*, cujo foco era produzir animações e ilustrações para jornais e revistas, lançou mais de 20 publicações da *Turma do Xaxado*, muitas adotadas por colégios de várias partes do Brasil.

Outro aspecto relevante é que as HQ da *Turma do Xaxado* foram adaptadas para uma série de televisão, de 26 episódios, com duração, por volta, de um minuto cada, sendo considerada a “Primeira Série de Animação 100% Baiana”. Produzida pela Liberato Produções Culturais, a série, intitulada *Turma do Xaxado*, chegou às telas, em 31 de outubro de 2015, durante a programação da *TVE Animadíssima*. Para a trilha sonora desse trabalho em formato animado, a direção solicitou que fossem usados instrumentos tipicamente nordestinos, como: a sanfona 12 baixos e a viola machete, proveniente do Recôncavo Baiano.

Embora o *Projeto Turma do Xaxado* seja afamado no exterior e tenha recebido, em 2003, apoio institucional da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), por valorizar raízes culturais nordestinas, é, praticamente, desconhecido para a maioria dos brasileiros, como revela o trecho:

[...] ainda que mostrando rara sensibilidade no tratamento de temáticas importantes para a realidade brasileira, encontrando boa receptividade nos Estados nordestinos e sendo publicado em álbuns e revistas, o trabalho do autor não conseguiu sair das fronteiras de sua região geográfica, não atingindo a projeção nacional que certamente merecia. (VERGUEIRO, 2017, s/p)

As histórias da *Turma do Xaxado* são engajadas socialmente, abordando, sobretudo, temas contemporâneos e universais, que educam, instigam o pensamento crítico e agradam os leitores, independentemente de faixa etária ou país de origem. Essas particularidades da obra de Cedraz são afirmadas na passagem:

[...] suas historinhas encontram espaços por serem inteligentes, bem roteirizadas e engraçadas sem perderem o senso reflexivo e educativo. Suas histórias são atuais, contextualizadas e de inserção social. Além de defenderem os interesses da região, transmitindo as preocupações e reivindicações do semiárido nordestino, os [sic] personagens da Turma do Xaxado expressam um entrelaçamento de eventos e relações globais quando discutem questões sociais, ambientais e ecológicas. Em suas historinhas regionais, existe uma perfeita compreensão e consciência do mundo como um todo. (MATTOS, 2012, p. 5)

Apontada essa realidade e considerando o fato de que a maior parte das editoras brasileiras prefere investir em trabalhos de quadrinistas estrangeiros ou do eixo Rio-São Paulo, nos dias de hoje, um dos únicos trabalhos de Cedraz disponíveis para compra imediata na Região Sudeste é o volume *1000 tiras em quadrinhos* (2012), o quarto livro-álbum comemorativo dos 10 anos da *Turma do Xaxado*, composto, curiosamente, por 999 tiras, e foco do estudo desta pesquisa.

A *Turma do Xaxado* vive em uma simples cidade no interior do Nordeste do Brasil. Em suas aventuras, aparecem elementos rurais e urbanos, paisagens típicas do Sertão Nordestino, além de seres fantásticos que alimentam o imaginário cultural dessa região do país. É formada por personagens muito diferentes umas das outras, mas com os pés fincados no Brasil, retratando a diversidade e riqueza cultural de costumes, trajés, músicas, danças, arquitetura, comidas, relações humanas, crenças e lendas tão admirados ao redor do globo:

A *Turma do Xaxado* é formada por personagens tipicamente brasileiros [sic], cada um com seu jeito próprio de falar, pensar e agir, passando pelas várias classes econômicas, graus de instrução, etc. É uma turminha heterogênea como o povo brasileiro, vivendo histórias que falam da nossa terra, encantos e problemas, mas sem perder de vista a universalidade da experiência humana. (CEDRAZ, 2012, p. 7)

2.1 SOBRE AS PERSONAGENS DA TURMA DO XAXADO

Figura 1. Personagens principais da Turma do Xaxado



Fonte: Zine Brasil Entrevista: Antonio Cedraz

Compõem a turma criada por Cedraz: Xaxado (líder, neto de um célebre cangaceiro que andava com o bando de Lampião, atento à vida do campo, justiceiro e muito alegre); Capiba (fã da música Sertaneja de raiz, adora cantar e tocar viola e sonha tornar-se um cantor tão ilustre quanto Luiz Gonzaga); Marinês (irmã de Capiba, namorada de Zé Pequeno, defende a natureza e estimula as pessoas a valorizarem a vida); o cachorro Rompe-Ferro; a galinha Odete; o galo Valdisnei; o jumento Veneta; o Padre guloso; os pais das crianças; o porco Linguicinha; o brincalhão Saci; os urubus Gervásio e Genésio e outras personagens secundárias. Dentre as personagens da *Turma do Xaxado*, as escolhidas para este estudo de variação linguística são: Zé Pequeno, Marieta, Arturzinho e os roceiros Tião e Genuíno Gabola, apresentadas a seguir.

José Pequeno, chamado de Zé Pequeno, é muito amigo do Xaxado. Tem fama de ser lerdo e preguiçoso, já que, nunca, acorda antes do meio-dia e faz de tudo para se livrar do trabalho, porém é bastante astuto e amoroso. Nas palavras de Cedraz:

[...] minha preocupação com o Zé Pequeno era fazer um típico matuto. Quando comecei a desenhar o Zé Pequeno, disse: “Não, gente, quero fazer um cara que ‘fala errado’”. Não “errado”, porque, hoje em dia, essa linguagem do Zé Pequeno é estereotipada e é estudada, inclusive, na universidade, como uma linguagem paralela. Viajei para o interior, pois sou do interior, estou, sempre, em Jacobina. Mas viajei, com o propósito de fazer uma pesquisa de “falas erradas”. “Erradas”, não! Comecei a pesquisar: ia para a roça, visitar os caras que estavam no cabo da enxada [...] e comecei a anotar, fazer um dicionário de palavras “erradas”. Cheguei em uma feira livre, uma vez, e tinha 2 matutos fazendo aquele cigarrinho de palha, com uma faquinha, e fiquei encostado neles, só ouvindo e com uma máquina, também, tirando fotos. Só ouvindo a conversa e anotando as palavras [...], mas eu fazia isso: um trabalho de pesquisa de palavras “erradas”, para fazer um tipo que não fosse inventado, uma fala que não fosse inventada, uma fala que não fosse uma fala da capital, mas sim uma fala que fosse típica do interior. E o Zé Pequeno “matou a cena”. Zé Pequeno é a personagem mais engraçada, é a personagem da qual o povo mais gosta, é a personagem da *Turma do Xaxado* que “roubou a cena”.¹ (CEDRAZ, 2012)

Como mencionado anteriormente, uma das características marcantes dessa personagem é a linguagem estereotipada. À medida que Zé Pequeno é identificado nas tiras, alguns “pré”-conceitos generalizados sobre os habitantes do interior, por exemplo: a pureza, a simpatia e a simplicidade, marcas tidas como caracterizadoras dos matutos, surgem, naturalmente. Essa “imagem” arquivada na memória sobre um grupo específico da sociedade,

¹ Todos os trechos retirados do vídeo *Antonio Cedraz Cartunista*, no *YouTube*, foram transcritos pela pesquisadora.

suas ações e sua aparência, resultante da experiência de mundo, principalmente, do contexto cultural no qual se enquadra o leitor, é denominada “estereótipo”:

[...] nesta perspectiva, os estereótipos sociais são representações subjetivas e socialmente partilhadas, sobre as características e os comportamentos de determinados grupos humanos, estratificados segundo critérios socialmente valorizados, e traduzindo uma determinada ordem nas relações intergrupais. (CABECINHAS, 2007, p. 112)

Marieta corrige a fala “errada” dos outros, ensina a todos como “falar corretamente”, passa horas estudando, é apaixonada por livros e sonha ser uma escritora notável e professora de Língua Portuguesa. Sobre ela, Cedraz comenta:

A Marieta foi o contrário. Como fui professor, preocupei-me, também, em fazer o oposto do Zé Pequeno. E disse: “Agora, vou fazer uma menina (não tinha menina, ainda, na turma), que fala tudo ‘certinho’”. Comecei a criar a Marieta, com um livro debaixo do braço. Ela só anda falando de livro, de leitura, de incentivo à leitura. Ela quer que os meninos aprendam a ler. Ela briga muito com o Zé Pequeno. Acho que ele tem aquela orelha grande de tanto ela puxar para levá-lo para a escola. (CEDRAZ, 2012)

Artur Albuquerque, Arturzinho, é filho de um rico fazendeiro. Pensa, somente, em dinheiro, acreditando que as pessoas e o mundo ao seu redor, de modo geral, estão à venda e podem ser comprados. Cedraz explica seu processo de criação:

[...] o Arturzinho foi uma personagem já diferente. Até o nome dele é o único que não é um nome brasileiro: Artur (*Rei Artur*, “O Poderoso”), porque eu quis fazer uma personagem de um riquinho “metido à besta”, para falar, justamente, do latifúndio, daquele cara que gosta de “espezinhar”. E acho que todo mundo que é do interior conhece aquele riquinho que gosta de ser boçal, principalmente, aquele que estuda na capital e chega lá querendo namorar toda menina. E acha que é o “dono da rua”, o “dono do pedaço”, o “dono da cidade”. Então, eu quis fazer Arturzinho, mais ou menos, com essa característica. Com Arturzinho, também, comecei a falar de política, pois, como eu falei, a tira é muito lida por adultos, pelos pais dos meninos. Portanto, comecei a falar de política com Arturzinho. Arturzinho não tem escrúpulo: fala com Deputado, fala com Papa, fala com Presidente. Ele, na cabeça dele, não tem limite. Ele acha que é poderoso e pode tudo. (CEDRAZ, 2012)

Os roceiros Tião e Genuíno Gabola, personagens secundárias, são empregados de Arturzinho. Representam os matutos e, conforme Cedraz, aproximam-se da personagem de Monteiro Lobato, o *Jeca Tatu*:

[...] comecei a criar tipos, como: os matutos Tião e Genuíno Gabola, que são 2 matutos típicos, mesmo. Inclusive, o Genuíno Gabola é um cara muito “tiroso”, é tipo o *Jeca Tatu*, de Lobato. Aquele cara que gosta de contar vantagem, em tudo, que no Nordeste, no interior, a gente tem muito. (CEDRAZ, 2012)

Figura 2. Personagens Tião e Genuíno Gabola



Fonte: (CEDRAZ, 2012, p. 70)

Em suma, Cedraz criou o Mundo da *Turma do Xaxado* inspirado em lembranças de sua própria vida, especialmente, de sua infância no interior da Bahia.

3. SOBRE A SOCIOLINGUÍSTICA

Apresentada essa visão geral da *Turma do Xaxado*, e considerando o objetivo deste projeto, situa-se esta pesquisa no âmbito da Sociolinguística, disciplina da Linguística, surgida nos anos 60, com as pesquisas do norte-americano William Labov:

A Sociolinguística surgiu nos Estados Unidos em meados da década de 1960, quando muitos cientistas da linguagem decidiram que não era mais possível estudar a língua sem levar em conta também a sociedade em que ela é falada. O estudo da variação e da mudança na perspectiva sociolinguística foi impulsionado sobretudo por William Labov (nascido em 1927), que se tornou o nome mais conhecido da área. (BAGNO, 2012, p. 28)

Existe uma mútua relação entre língua e sociedade, uma vez que nossa prática comunicativa está, sempre, inserida em determinado entorno cultural, histórico e social. Assim, as transformações sociais são, muitas vezes, refletidas nos variados usos que fazemos da língua. A língua, por sua vez, origina-se da convivência social estabelecida, funciona como um elemento de interação entre as pessoas e, por meio dela, podemos agir socialmente. A Sociolinguística estuda a língua da perspectiva de sua estreita relação com a sociedade, especificamente, no tocante à variação linguística:

A Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo. (MOLLICA, 2004, p. 9)

3.1 SOBRE A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Sabe-se que as línguas não são homogêneas, apresentando diversidade e sendo dinâmicas, já que estão em constante mudança. Segundo Cezario e Votre (2012, p. 141), “a Sociolinguística parte do princípio de que a variação e a mudança são inerentes às línguas e

que, por isso, devem sempre ser levadas em conta na análise linguística”. Desse modo, um dos objetivos centrais dos sociolinguistas é compreender quais os principais fatores que ocasionam a variação linguística, uma vez que ela não é vista como um efeito do acaso, mas sim como um fenômeno cultural, que pode ser favorecido ou inibido por fatores linguísticos (estilístico, fonético-fonológico, lexical, morfológico, pragmático, semântico, sintático etc) e por fatores extralinguísticos (faixa etária, grau de escolaridade, grupo profissional, meios de veiculação, origem geográfica, sexo, *status* socioeconômico etc). Assim,

[...] a variação configura-se como um conjunto de elementos diferentes de outro, conjunto de outro grupo, de outra localidade ou de outro contexto. O linguista pode demonstrar que a variação é previsível e determinada por fatores linguísticos e/ou extralinguísticos [...] (CEZARIO; VOTRE, 2012, p. 146).

Os tipos de variação linguística distribuem-se tanto numa perspectiva diacrônica quanto sincrônica, sendo classificados desta forma: (1) variação diatópica - observa os usos de acordo com os espaços geográficos, quer sejam regiões, estados, as zonas urbana e rural etc; (2) variação diastrática - aponta o modo de falar dos diferentes estratos sociais, etários e profissionais; (3) variação diamésica - associada aos usos nos diversos meios ou veículos de comunicação, considerando as semelhanças e diferenças entre a língua falada e a língua escrita; (4) variação diafásica - centrada nas escolhas diferenciadas e adaptações que os falantes fazem da língua, conforme os contextos comunicativos dos quais participam.

Este estudo, considerando o *corpus* escolhido e o objetivo traçado, centra-se no exame e na análise das variações diatópica e diastrática; contudo, eventualmente e sempre que necessário, para complementar as considerações feitas, os outros tipos de variação linguística poderão ser abordados.

4. ANÁLISE DE TIRAS DA TURMA DO XAXADO

Para atingir o objetivo desta pesquisa, foi realizado, primeiramente, um levantamento quantitativo, a fim de verificar a presença das personagens escolhidas (Zé Pequeno, Marieta, Arturzinho, Tião e Genuíno Gabola) e a quantidade de tiras com expressão verbal e sem expressão verbal. Foram obtidos os seguintes resultados:

Personagens	Com Expressão Verbal	Sem Expressão Verbal	Total Geral
Zé Pequeno	353	141	494
Arturzinho	194	40	234
Marieta	128	46	174
Tião	49	15	64
Genuíno Gabola	40	5	45

Para o exame e a análise da variação diatópica, foram consideradas as tiras nas quais Zé Pequeno, Tião e Genuíno Gabola apresentam expressão verbal; enquanto que, para a observação da variação diastrática, foram analisadas as tiras com expressão verbal e sem expressão verbal dessas personagens, sendo as tiras nas quais aparecem Zé Pequeno, Tião e Genuíno Gabola contrastadas com as tiras nas quais aparecem Arturzinho e Marieta.

Após a investigação focada na variação diatópica, levando em consideração a expressão verbal, única e exclusivamente, de Zé Pequeno, Tião e Genuíno Gabola, foram registradas inúmeras palavras e expressões regionais apontadas por Cedraz, a citar: “calango”, nome usado para se referir a vários tipos de lagartos de pequeno porte, que servem, inclusive, como alimento para os nordestinos durante as épocas de seca:



(CEDRAZ, 2012, p. 16)

Na tabela abaixo, encontram-se alguns regionalismos destacados pelo autor:

Expressões Regionais	Sentido (Contextual)
Alumêa	Forma popular de “ilumina”
Aperriá	Incomodar, perturbar
Arriégua	Expressão dita em momentos de espanto, fúria ou desastres, evitando, assim, dizer palavrões
Avuá, avuano	Forma popular de “voar”, “voando”
Belezura	Pessoa atraente, bonita
Bicho, bichim	Refere-se a qualquer objeto (ou bicho, literalmente)
Bicho bom	Refere a alguma coisa boa
Cabra	Indivíduo, pessoa, sujeito
Cabra macho	Homem intrépido, valente
Calô retado	Corruptela de “calor arretado ”
Cansêra danada	Função de advérbio de intensidade - “ muita canseira”
Diacho	Expressão de decepção, indignação, raiva ou até mesmo surpresa
Disgramado	“Desgraçado”, pessoa ou animal ruim
Dói pra diacho	Função de advérbio de intensidade
Doidim-doidim	Desesperado, com muita vontade de determinada coisa
Essa danada	Função de substantivo - refere-se à garrafa de bebida
Êta lasquera	Expressão de algo inesperado, geralmente, indicando dificuldade
Êta qui eu tô lascado	Expressão de espanto e surpresa por estar encrencado
Giringonça	Refere-se a um objeto estranho
Macaxeira	Mandioca
Mainha, painho	Diminutivos e formas carinhosas para “mãe” e “pai”
Num carece	Não precisa
Oxe, Oxi, Ôxe, Ôxi, Oxente, Ôxente	Expressão de espanto, exclamação, surpresa ou susto

Peste	Indivíduo travesso, levado
Porreta	Produto de boa qualidade
Pra riba	Para cima
Sujeitim casquinha	Pessoa muito egoísta
Tustãozim	Porção de dinheiro (derivado de “tostão”)
Uns sopapo	Uns tapas
Vixe, Vixi, Vixe Maria, Vixi Maria	Forma reduzida de “Virgem Maria”, dita em momentos de surpresa ou susto

Com o intuito de compreender melhor o sentido dos regionalismos apresentados por Cedraz, foram feitas pesquisas em glossários de Baianês e dicionários informais disponíveis na *internet*. Todavia, os resultados obtidos não são científicos, encontrados em *blogs*, por exemplo, e, algumas vezes, o sentido destacado não se adequa aos contextos nos quais foram empregados nas tiras. Logo, optou-se por atribuir um sentido contextual a esses regionalismos.

Um fato curioso é que, dentre as 999 tiras que compõem o livro, em somente uma, o autor indica um sentido (“cola” - em destaque, abaixo), mais conhecido por nós, da Região Sudeste, para o regionalismo citado (“pesca”):



(CEDRAZ, 2012, p. 129)

Já para o estudo da variação diastrática, foram analisadas, a princípio, todas as tiras com expressão verbal e sem expressão verbal nas quais aparecem Arturzinho, Tião e Genuíno Gabola. Essas personagens foram selecionadas, pois pertencem a 2 estratos sociais distintos: Arturzinho insere-se na classe alta, sendo o “patrãozinho” de Tião e Genuíno Gabola, que, por sua vez, se enquadram na classe baixa, sendo matutos e revelando uma forma de vida sertaneja, que podemos aproximar à visão do antropólogo Darcy Ribeiro:

[...] marcada por sua especialização ao pastoreio, por sua dispersão espacial e por traços característicos identificáveis no modo de vida, na organização da família, na estruturação do poder, na vestimenta típica, nos folguedos estacionais, na dieta, na culinária, na visão de mundo e numa religiosidade propensa ao messianismo. (RIBEIRO, 1995, p. 339)

Arturzinho é a personagem da *Turma do Xaxado* com o maior *status* socioeconômico. Membro de uma família rica da região, é dono de numerosas terras, como afirma na tira:



(CEDRAZ, 2012, p. 124)

Visitou diversos países e por ter uma vida luxuosa, contato com pessoas influentes, objetos importados, tecnologia de última geração (constatações feitas, basicamente, pela linguagem não-verbal) e seus desejos, sempre, atendidos, considera-se acima de todos: não apenas o “Rei do Sertão”, mas, exageradamente, importante, de tal modo que se equipara à figura de Deus:



(CEDRAZ, 2012, p. 138)

É avarento, egoísta, encrenqueiro, exibido, insensível, interesseiro, mandão, vaidoso e outras imperfeições. Possui muitos empregados à sua disposição, que moram com suas famílias em terrenos cedidos por ele e trabalham na fazenda onde mora, cuidando do gado, dos cercados e das lavouras, em troca do favor, assim como para receberem salário, mesmo que de pouco saldo, e sobreviverem, mais dignamente. Tal realidade pode ser vista a seguir:



(CEDRAZ, 2012, p. 132)

É, também, prepotente e julga-se no direito de interferir em todos os aspectos das vidas de seus empregados, pelo fato de a relação ser, rigidamente, hierarquizada. Não ocorre aproximação entre os 2 estratos sociais e, em alguns momentos, há abuso de autoridade, por

parte de Arturzinho, que explora e ofende Tião e Genuíno Gabola. Essa dinâmica, comum na relação “senhor” e “servos”, é apontada por Ribeiro (1995, p. 342):

O criador e seus vaqueiros se relacionavam como um amo e seus servidores. Enquanto dono e senhor, o proprietário tinha autoridade indiscutida sobre os bens e, às vezes, pretendia tê-la também sobre as vidas [...] Assim, o convívio mais intenso e até a apreciação das qualidades de seus serviços não aproximavam socialmente as duas classes, prevalecendo um distanciamento hierárquico e permitindo arbitrariedades [...]

Apesar de Tião e Genuíno Gabola serem os empregados mais confiáveis de Arturzinho, acompanhando-o aonde quer que vá e, sempre, livrando-o dos apuros nos quais se mete, o distanciamento entre eles fica nítido na declaração do “patrãozinho” abaixo:



(CEDRAZ, 2012, p. 182)

A relação de Tião e Genuíno Gabola para com seu patrão é pautada, acima de tudo, em respeito, ainda que sejam ofendidos ou não concordem com as decisões e ordens dele. Um exemplo dessa submissão é a maneira pela qual Tião refere-se a Arturzinho na tira anterior: “sinhô” (senhor), empregado no tratamento cerimonioso. As causas desse acatamento são explicadas por Ribeiro (1995, p. 349):

Sob essas condições de domínio despótico, as relações do sertanejo com seu patronato se revestem do maior respeito e deferência, esforçando-se cada vaqueiro ou lavrador por demonstrar sua prestimosidade de servidor e sua lealdade pessoal e política. Temerosos de que qualquer atitude os torne malvistas, submetem-se à proibição de receber visitantes de outras fazendas e, ainda mais, de tratar com estranhos, além de toda uma série de restrições à sua conduta pessoal e familiar. Seu temor supremo é verem-se desgarrados, sem patrão e senhor que os proteja do arbítrio do policial, do juiz, do cobrador de impostos, do agente de recrutamento militar. Ilhados no mar do latifúndio pastoril dominado por donos todo-poderosos, únicos agentes do poder público, têm verdadeiro pavor de se verem excluídos do nicho em que vivem, porque isso equivaleria a mergulhar na terra de ninguém, na condição dos fora-da-lei.

Dado que apresenta um nível socioeconômico mais privilegiado, Arturzinho tem, conseqüentemente, maior número de oportunidades de acesso à educação. Tal verdade fica evidente ao carregar vários livros na mochila, conhecer ícones das culturas brasileira e

estrangeira, declamar textos conhecidos de Literatura, dialogar em Latim, entender de assuntos das mais diversas áreas do conhecimento e falar sobre poetas famosos para suas “namoradas”, embora só use sua sabedoria para impressionar os outros, não se preocupando, muito menos incentivando as pessoas com as quais convive a estudar. Na verdade, nas situações possíveis, faz de tudo para dificultar que elas tenham acesso ao conhecimento, pois, assim, ficará mais difícil de serem manipuladas e “compradas” por ele. Tião confirma a distância verificada entre o grau de instrução que possui e o nível de escolarização de Arturzinho:



(CEDRAZ, 2012, p. 47)

Desse modo, levando em consideração essas diferenças de classes sociais, no *status* socioeconômico e no grau de escolaridade de Arturzinho, Tião e Genuíno Gabola, percebe-se que a variação linguística retratada por Cedraz, nas tiras dessas personagens, é favorecida e acentuada, especialmente, por fatores extralinguísticos.

Continuando o estudo da variação diastrática no livro da *Turma do Xaxado*, foram investigadas as tiras nas quais aparecem Marieta e Zé Pequeno. A justificativa para a comparação do modo de expressão dessas personagens deve-se ao fato de Marieta ser encantada pelo universo da Língua Portuguesa, ansiando compreendê-lo, profundamente, cada vez mais e, Zé Pequeno inventar, a todo momento, desculpas para não ir à aula.

Zé Pequeno tem uma vida serena no sítio onde mora e sua personalidade revela falta de traquejo social e rusticidade de espírito, características intrínsecas dos matutos. Gosta de passear de jumento, pescar, subir em árvore, tomar banho no rio etc. No entanto, não gosta de frequentar a escola, como declara, enfaticamente, em várias tiras, como:



(CEDRAZ, 2012, p. 196)

Mesmo que, ocasionalmente, Zé Pequeno fuja da aula e não prestigie tanto os livros, pede ajuda para quem o incentiva a ler, Marieta, na hora de estudar. Além disso, quando Marieta está lendo uma obra, é curioso e aproxima-se dela para perguntar qual é o assunto e ouvir alguns fragmentos, ainda que volte à sua rotina logo em seguida:



(CEDRAZ, 2012, p. 39)

Sobre Marieta, é incontestável o fato de o hábito da leitura fazer parte de sua vida desde muito cedo:



(CEDRAZ, 2012, p. 17)

Os livros são, verdadeiramente, seus “melhores amigos”, sente prazer em passar muitas horas na biblioteca e vai à escola mesmo doente, tendo conhecimento, assim, sobre diversos textos e autores das Literaturas Nacional e Estrangeira. É apaixonada pelas Letras, como confessa na tira:



(CEDRAZ, 2012, p. 71)

Por prezar pelo bom uso da Gramática Normativa, ensinou até um papagaio a falar “corretamente” e fica abismada quando encontra um “erro de Português” nos textos que lê, reagindo como ilustrado abaixo:



(CEDRAZ, 2012, p. 22)

Marieta é rigorosa quanto às regras gramaticais e julga os modos de expressão que não seguem a norma-padrão da Língua Portuguesa como “errados”, mas Zé Pequeno contesta o porquê de ela falar “certo”, em todos os momentos, e não adequar o nível de sua fala aos diferentes contextos comunicativos:



(CEDRAZ, 2012, p. 190)

Ademais, acredita que falar “corretamente” é essencial para a comunicação entre as pessoas nas situações cotidianas e surpreende-se com a resposta de Zé Pequeno:



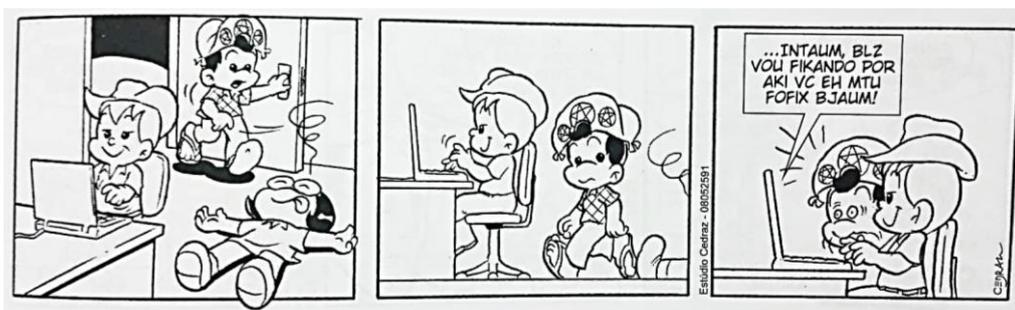
(CEDRAZ, 2012, p. 191)

Levando em conta essas características de Marieta, seu registro de língua (uso do pronome “tu” e de mesóclise, por exemplo) e percebendo um certo “exagero” em suas atitudes, conclui-se que seu nível de fala e suas reações são caricaturescas, remetendo a

comportamentos considerados, pela maioria das pessoas, como pré-estabelecidos para a figura de uma professora de Língua Portuguesa e trazendo reflexões sobre essas posturas.

Apresentadas essas tiras de Marieta e Zé Pequeno, bem como examinando as outras tiras do livro nas quais aparecem essas personagens, pode-se inferir que o uso da linguagem por Marieta, possivelmente, esteja mais próximo da norma-padrão da Língua Portuguesa, o que não se verifica na expressão das demais personagens.

Além das variações diatópica e diastrática, comentadas anteriormente, a leitura de *1000 tiras em quadrinhos* (2012) revela exemplos de variação diamésica, a citar: o uso de uma linguagem abreviada, típica da *internet*, que espanta as personagens, como mostrado na tira abaixo:



(CEDRAZ, 2012, p. 127)

Essa linguagem produzida na *internet* recebe o nome de “Internetês” e é um fenômeno decorrente das transformações culturais, sociais e, principalmente, tecnológicas. Trata-se de uma “modificação criativa na escrita da língua em ambiente digital, cujas características apontam para uma linguagem alfanumérica”. (ARAÚJO, 2007, p. 28)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

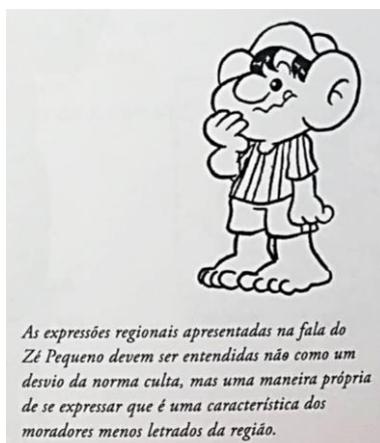
Buscando refletir sobre a variação linguística registrada por Cedraz, nas HQ da *Turma do Xaxado* presentes em *1000 tiras em quadrinhos* (2012), foram selecionadas, analisadas e contrastadas algumas tiras nas quais aparecem as personagens Tião, Genuíno Gabola (e Arturzinho), Zé Pequeno (e Marieta).

Pelo fato de a turma de crianças nordestinas alvo do estudo desta pesquisa ser chamada *Turma do Xaxado*, esperava-se, naturalmente, que a personagem mais presente nas tiras fosse Xaxado, o que, na verdade, não ocorre, já que a personagem de destaque no livro é Zé Pequeno. Tal realidade é interessante, pois prova que ele é a personagem com a qual as pessoas mais se identificaram e que, de fato, “roubou a cena”, como diz Cedraz na entrevista mencionada. Além disso, os resultados obtidos em relação as tiras nas quais aparecem Zé Pequeno, Arturzinho e Marieta confirmam que são personagens principais;

enquanto que a quantidade de tiras nas quais aparecem Tião e Genuíno Gabola comprova que estas são personagens secundárias.

Cedraz foi cauteloso durante o processo de criação da *Turma do Xaxado*, preocupando-se em mostrar diferentes estratos sociais, a dinâmica das relações entre classes sociais distintas, traços de personalidade opostos e particularidades da identidade nacional que correspondem às características apontadas por Darcy Ribeiro, antropólogo, educador e romancista brasileiro.

A prudência do criador da *Turma do Xaxado* estende-se, também, à língua, uma vez que afirma que realizou uma pesquisa sociolinguística antes de escrever as falas dos matutos, para que se fossem, realmente, verossímeis às falas dos habitantes do interior. Esse cuidado quanto ao modo de expressão de Zé Pequeno, Tião e Genuíno Gabola já é informado nas páginas iniciais do livro, como podemos ver a seguir:



(CEDRAZ, 2012, p. 2)

As expressões regionais apresentadas na fala do Zé Pequeno devem ser entendidas não como um desvio da norma culta, mas uma maneira própria de se expressar que é uma característica dos moradores menos letrados da região.

A linguagem apresentada no livro é típica da oralidade, predominando o uso de frases curtas e, quando período composto, orações coordenadas. Além de tudo, nenhuma personagem segue a norma-padrão em todas as tiras nas quais aparecem, assim como nenhum ser humano fala ou escreve de acordo com a norma-padrão em todos os momentos de sua vida. Até mesmo Marieta, que afirma falar “corretamente”, comete “erros” de concordância com o pronome “tu”, concordâncias verbal e nominal, colocação pronominal etc. Em contrapartida, os modos de expressão, na maioria das tiras, coloquial, de Zé Pequeno, Tião e Genuíno Gabola, em várias circunstâncias, seguem a norma-padrão. Outro aspecto relevante sobre a linguagem das personagens é que os fatores extralinguísticos são os principais causadores da variação linguística.

Vale ressaltar, ainda, que, além do tratamento de temas polêmicos relacionados à sociedade, como um todo, outras questões importantes referentes ao uso da língua são abordadas no decorrer do livro, como: adequação e inadequação ao contexto comunicativo

(Zé Pequeno ao perguntar o porquê de Marieta falar “sempre certo” e Marieta ao falar de maneira complicada, em uma situação informal de comunicação, prejudicando a compreensão da mensagem por parte de Zé Pequeno). Assim, pode-se concluir que Xaxado e sua turma suscitam muitas discussões na área dos Estudos da Linguagem e permitem que muitos assuntos estudados pela Linguística sejam apontados ao analisar suas HQ.

6. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. C. O internetês não é língua portuguesa? *Vida e Educação*. Fortaleza: Brasil Tropical, v. ano 4, n. 13, p. 28-29, mar./abr. 2007.

BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2012.

CABECINHAS, R. *Preto e Branco: A naturalização da discriminação racial*. Porto: Campo das Letras, 2007.

CEDRAZ, A, 2007. Entrevista de Antonio Cedraz concedida a Alexandre Rego, da Autores e Leitores. Disponível em: <<http://www.autoresleitores.com/autores/entrevcedraz.php>>. Acesso em: 13/09/2017.

_____. *1000 tiras em quadrinhos*. São Paulo: Martin Claret, 2012.

_____. ANTONIO CEDRAZ CARTUNISTA. Direção e produção: Web TV UNEB. Bahia: Universidade do Estado da Bahia, 2012. Online. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vWUI8nCMWRs&t=656s>>. Acesso em: 28/10/2017.

CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E.; OLIVEIRA, M. R. (Orgs.). *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 141-155.

MATTOS, S. Os dez anos da Turma do Xaxado. In: CEDRAZ, A. *1000 tiras em quadrinhos*. São Paulo: Martin Claret, 2012. p. 5-6.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 9-14.

PRETI, D. *Sociolinguística: os níveis de fala: um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira*. 9. ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

RIBEIRO, D. *O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VERGUEIRO, W. *Panorama das histórias em quadrinhos no Brasil*. São Paulo: Peirópolis, 2017. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books>>. Acesso em: 11/03/2018.

Contatos: laylavasconcellos@hotmail.com e reginahelena.brito@mackenzie.br